

SEXTA-FEIRA

13  
NOVEMBRO  
1931

# Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. — radina: —

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato  
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

## BASTA! BASTA!

Senhores integralistas, tende cuidado, não ataqueis de uma forma tão nefasta a Democracia. Não aponteis as vossas armas desleais contra a República, porque podem surgir, dêsse infeliz gesto, consequências graves para a própria Pátria.

Vêde o que se passa em todo o mundo. Os melhores valores são respeitados, amados e estão unidos para a Paz. As cabeças pensantes não se gladiam, porque a hora grave que singra por toda a parte traz pensativos os homens cultos.

Senhores, a crise é grande, a miséria é muita; por isso não deveis brincar com o fogo. É tempo de acabar com a arrogância e esperança em restabelecer o trono carcomido, porque não o consentirão os bravos militares republicanos e o Povo que luta pela República.

Senhores, já é tempo de acabar com a lenda sebastianista. A monarquia não é possível jámais em Portugal. Não a quer o exército, não a quer o Povo.

Ainda há dias, quando da posse do senhor Ministro do Interior, o sr. general Farinha Beirão disse: «A Guarda Nacional Republicana tem envidado sempre os seus maiores esforços para manter a ordem e defender a República». Mais: Ouçam-se todos os comandos militares e eles responderão: «Estamos aqui para defender a República contra qualquer traição monárquica. É a nossa dignidade que não-lo impõe e mais no que ela, os destinos da nossa Pátria».

Por isso, senhores, nós temos razão em dizer-vos: Não aponteis as vossas armas desleais contra a República, porque podem surgir, dêsse infeliz gesto, consequências graves para a própria Pátria!

Senhores, a crise económica e financeira não está de molde a poder-se brincar com o lume. Estas crises não se resolvem com os vossos teoremas. Não!

Os maçons, os demagogos, como vós — integra-

listas e falsos católicos — chamais aos constitucionistas, também tem os seus pontos de vista, também são homens de inteligência e de intelecto capaz de cooperar no debelamento da grave crise por que passamos.

Chamais demagogos aos homens que se bateram e batem pela harmonia social, pela Paz, pela integridade da Pátria, tanto assim que os seus peitos foram cobertos de medalhas de gloriosos feitos. Porque?

São demagogos e maçons os homens, os heróis desconhecidos que guardaram os bancos e protegeram vidas? Porque?

A propósito de tudo e de nada, os reacconários, para combaterem os republicanos, atiram para o público ingénuo com o papão da Maçonaria, com a demagogia, não lendo os seus jornais que dizem: — «Um vento de insanía sopra por toda a parte e não é fácil prever os destroços que, continuando a soprar, virá a fazer na sua fúria desabrida».

Ouviram, senhores integralistas, o que diz um jornal católico? Ouviram?

Temos ou não razão em dizer-vos: Não aponteis as vossas armas desleais contra a República, porque podem surgir, dêsse infeliz gesto, consequências graves para a própria Pátria?! Razão tem também o illustre oficial, sr. general Farinha Beirão, em dizer: — «Estamos aqui para defender a República contra qualquer traição monárquica. É a nossa dignidade que não-lo impõe e, mais do que ela, os destinos da nossa Pátria».

O espectro não é, pois, a Democracia, senhores integralistas. As vossas diatribes, os vossos deslises, as vossas denúncias descaídas, pretendendo assim inutilizar, vexar, esmagar os republicanos, podem ser, acreditai, os melhores elementos para destruir a própria Pátria! Podeis ficar carbonizados pelo fogo que vós próprios ateais.

Lembraí-vos de que, presentemente, os republica-

nos são hoje os conservadores em todos os paizes onde impera a Democracia. A vossa cegueira é tão grande, o vosso ódio é tão venenoso que preferis tudo, tudo, a vêr colaborar nos destinos da Pátria e da República os homens de um passado limpo e muitos com o peito coberto de medalhas!

O espectro não é a Democracia! Não, não e não! Oh! Se eu vos pudesse dizer tudo!...

Senhores: Basta! Basta!

Tito.

### ANTÓNIO VICENTE Médico

Consultas em Bustos, ás terças e sextas, das 10 ás 12 horas.  
Residência e consultório em Troviscal.

### O Armistício

Passou no dia 11 do corrente mais um aniversário do terminus da grande guerra.

Em Lisboa inaugurou-se um grandioso monumento aos mortos da guerra. Foram imponentes as manifestações. Fizeram-se representar muitos combatentes e outros assistiram ao acto. Mas, quantos e quantos combatentes na Flandres e nos escaldantes areais da Airica desejariam também assistir, para relembrarem os seus companheiros e abraçarem os camaradas dispersos pelo país?!

Oxalá que seja muito duradoura a solenisação da Paz... No entanto a China e o Japão batem-se. A Sociedade de Defeza das Nações fica mal ferida com esta conflagração, porque parece que a guerra é inevitável.

### Alambiques

Um recente decreto do governo determina que, até 31 de Dezembro próximo, os possuidores de alambiques requeiram o registo na Inspeção Técnica das Industrias Agrícolas.

A falta de registo implica uma pesada multa.

### Regresso ao lar

Segundo planos do nosso colega «Defeza de Anadia», devem chegar brevemente ás suas casas em Anadia, ao seio das suas famílias, os nossos amigos, srs. dr. Virgílio Pereira da Silva e Artur da Silva Sereno.

Oxalá que os possamos abraçar dentro em pouco.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

## ECOS

### DIRECÇÃO DUM JORNAL

COM exactidão e bom humor, diz um jornalista americano que não há coisa mais difícil do que a direcção de um jornal. Se se trata muito de politica, os leitores aborrecem-se porque estão furtos de politica.

Se prescindir da politica, desinteressam-se do jornal porque é insipido e pesado.

Se publica artigos originaes, dizem que não valia a pena occupar espaço com elles, havendo tanta coisa boa para copiar.

Se copia, dizem que escreve à tesoura.

Se apoia o governo, dizem que quer um subsidio; se o ataca, dizem que é traidor e inimigo da ordem pública; se escreve em sentido liberal, qualificam-no de demagogo; se é conservador, chamam-lhe retrógrado.

Se faz ditos e gazetilhas alegres, dizem que pretende ser espirituoso; se os não faz, é porque o jornalista é um velho fossil e cheira a rapé.

Se publica muitas noticias, o público desgosta-se porque o que diz são mentiras; se as suprime, é para encobrir as verdades ao público.

O jornalista americano tem razão. Agradar a todos — nem o Padre Eterno!...

A direcção do jornal tem de contar ainda com uma chusma de zoilos, para quem a critica é fácil... Mas escrever, publicar — fazer o periódico e pô-lo em circulação — isso é que não será já tão simples como parece. Hoc hopus hic labor est.

### A FRANÇA

DE todas as nações europeias, é a França a única que, económica e financeiramente, tem, na actualidade, uma vida desafiada.

As outras grandes potências — Inglaterra, Alemanha, etc. — como os pequenos países, atravessam uma crise tremenda, inquietante.

A França teve também, há uns 4 ou 5 anos, as suas finanças desequilibradas, a sua moeda depreciadíssima. Mas resolveu a crise por si só, o que não acontece agora com a Inglaterra e com a Alemanha que, ante o abismo, pedem afluente à França que as ajude a salvar-se!

E a França está auxiliando aquelas nações tão orgulhosas. A

França modesta, a França republicana, a França parlamentar e democrática, a França da Revolução e da Liberdade! — tão encarnecida por monárquicos e reacconários.

### CONDE DAS TREVAS

ESCREVE-NOS «um leitor», lembrando, a propósito do eco do último número — «Analfabetismo» — que ao celeberrimo conde de Aurora seja mudado o título para conde das Trevas, que muito melhor se coaduna com a sua immortal teoria: — «Pode considerar-se feliz o que não sabe ler».

Concordamos. Mas não somos nós quem muda ou concede títulos de nobreza. Nem mesmo o governo da República o pode fazer. Isso agora é privativo do Papa e do sr. D. Manuel de Bragança.

«Um leitor» que se lhes dirija, pois são eles que dão as cartas... nobiliárquicas.

### A LIBRA E O ESCUDO

PORQUE o valor da libra havia sido fixado em 110\$00, a sua queda arrastou também a nossa moeda. E, como desastrosa consequência, os produtos ingleses sofreram consideravel aumento de preço.

Ultimamente, também cá se registou o encarecimento do açúcar, do sabão, do petróleo, dos adubos, etc. Isto é, o que o produtor tem necessidade de comprar.

Como doloroso contraste, accentua-se a baixa no vinho, no milho, no feijão, etc. Isto é, o que o produtor tem necessidade de vender.

D'aí, a situação económica ser cada vez mais angustiosa.

### REMATE CÓMICO

ULTIMA recomendação dum sargento, antes de entrar numa revolução:

«Rapazes, é preciso principalmente não dar a conhecer ao inimigo que há falta de cartuchos. Quando vocês os não tiverem, continuem a fazer fogo...»

### Sociedade

ESTADAS

De visita ao nosso amigo, sr. Joaquim Ferreira de Carvalho, e esposa, desta vila, estiveram aqui os seus cunhados, srs. José Moutinho e esposa, do Porto.

No dia de Todos os Santos também estiveram nesta vila, de visita aos seus, o nosso amigo e assinate, sr. José Páscoa, esposa e filhinhos, residentes em Espinho.

a' Biblioteca Municipal

Anno

## Pela imprensa

«Ala Esquerda»

Completo mais um ano de existência o nosso valoroso colega republicano, «Ala Esquerda», de Beja, jornal que muito vem contribuindo para o engrandecimento dos ideais republicanos.

A «Ala Esquerda» prendeu uma grande amizade, pois algumas vezes publicou alguns nossos artigos.

A Sobral Rodrigues e a todos os cooperadores do balauarte da Democracia, as nossas saudações.

«A Verdade»

Foi dia de festa o 1.º de Novembro para o nosso distinto colega «A Verdade», do Porto, por ter completado mais um ano de publicidade.

«A Verdade» impõe-se pelos seus formidáveis artigos doutrinares; por isso, cumprimos com satisfação os seus directores, srs. Lino de Figueirôa e Joaquim Salgado.

## DE LISBOA

11 de Novembro

Eis algumas notícias da capital, escritas sobre o joelho, ao correr da pena, «em tres tempos», mas que talvez interessem os leitores da *Alma Popular*, especialmente aqueles que não possuem jornais diários.

Realizaram-se ultimamente as eleições para os corpos gerentes da Associação dos Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa. Disputavam-nas monárquicos (ainda os há!...) e republicanos, ganhando estes por grande maioria.

Na mocidade das Escolas vem-se constatando, nos últimos tempos, muito entusiasmo e dedicação pela República.

Comemorando a data do armistício, isto é, o dia em que, na Grande Guerra, os alemães pediram paz aos aliados — 11 de Novembro — efectuaram-se hoje várias manifestações, promovidas pela Liga dos Combatentes.

No dia 6 do corrente chegou ao Banco de Portugal uma importante remessa de ouro em barra, com o peso de 3.232 quilos, no valor de 600 mil libras, ou sejam 53 mil contos da nossa moeda. O precioso metal foi adquirido em Nova York pelo nosso banco emissor, que o destina ás suas reservas metálicas.

Uma nota oficiosa, que alguns jornais ontem publicaram, dimanada do Ministério do Interior, diz que se «tem feito espalhar boatos para alarmar a opinião, fazendo-se crer na possibilidade de graves alterações da ordem pública».

Pelas revelações sensacionais, feitas em 8 audiências, o julgamento do *chauffeur* da Polícia, de apelido Gouveia, acusado de, no dia 1.º de Maio, haver assassinado o caixeiro Armando Silva, apaixonou vivamente a opinião pública.

Lisboeta.

## Cobrança de Dividas

Sem encargo para o crédor. Trata

Joaquim Ferreira de Carvalho.

## NARCISO DE AZEVEDO

III  
Do Poeta

Prosador consumado, Narciso de Azevedo é um poeta de raro mérito. Sem exagêro, o artista dos «Rythmos da Hellada» e de «A Cigarra de Theocrito» afigura-se-nos como um dos maiores poetas contemporâneos — e tão poucos são eles — da nossa ter-

ra, ao tomar também para tema da sua arte a Grécia imorredora, ocupará o lugar que lhe assiste no mundo das letras.

Talento e sensibilidade, predicados difficilimos hoje de encontrar, e muito mais reunidos, possue-os Narciso de Azevedo e cla-



NARCISO DE AZEVEDO

Desenho do grande mestre, recentemente falecido, António Carneiro

ra, não obstante ser quasi um desconhecido dos que lêem.

A impopularidade, as mais das vezes, nada quer dizer. Sabe-se que grandes vultos da nossa literatura são pouco lidos, enquanto miseros escribes têm numerosissimo público.

Narciso de Azevedo não ignora isto e, todavia, sente-se bem no seu isolamento, vê claramente quão efêmeros são certos ídolos, tem, possivelmente, a consciência do que vale:

Longe da turba, adoro a solidão!  
Gralham que o artista desça á multidão?  
Pois ao vulgo os teus versos vai cantar:

Tens a immortalidade garantida  
Até ao fim da tua curta vida  
— A multidão adora o que é vulgar.

As turbas, de facto, amam ainda a literatura mórbida, o seu grau cultural é por enquanto bastante inferior.

Só os que possuem um determinado número de conhecimentos saberão admirar quem, em sonetos impecaveis, canta a Hellada, pois toda a arte de Narciso de Azevedo se inspira na Grécia imortal, como êle próprio no-lo confessa em

## A MINHA ARTE

Entre ruínas de arte esplendorosa  
Tenho vivido em puro encantamento:  
As ruínas dão febril deslumbramento,  
Contando a vida heroica e harmoniosa.

Lutam Heróis nos frisos derrubados!...  
—Salvé, Athletas! Belos e serenos,  
Sois vida eterna em marmores hellenos!—  
Deuses vivem nos bronzes profanados!...

Frontões divinos duma Raça eleita,  
Mutilados relevos por encanto  
Deram-me a Forma hellenica e perfeita!

A minha arte, moça e escultural  
A' Hellada sagrada e triumphal  
Erga o primeiro e o derradeiro canto!

Quando, porém, um dia o público adquirir uma cultura mais sólida, quando a joeira do tempo exercer a sua implacavel missão, aquele que no soneto se ergue a enorme altura, á altura a que voou o autor glorioso dos «Trofeus», José Maria de Here-

ramente o demonstra nas suas páginas — tão inconfundíveis como admiráveis.

Mas transcrevamos, para comprovar a asserção, êste soneto dos «Rythmos da Hellada», o primeiro livro do autor:

## VICTORIA PLENA

Num clamor sauda o povo: «Salvé, Cléobulo!»  
E triumphalmente nu surge um Athleta!  
E' um formoso Principe de Creta,  
Que vem ganhar os louros de discobolo.

Ao ver ágüas no céu, diz com nobreza:  
«Por Zeus de Olympia!» Destro e donairoso,  
No estadio lança o disco victorioso  
Um assombro de Força e de Belleza!

«Iopaeon!» grita o povo com loucura.  
«O Heroi humildemente invoca Zeus  
E fala á sua noiva com ternura:

«Doce Aglauros, franzina como as dhalias,  
Aceita gracilmente os meus trophéus  
— O meu orgulho beija-te as sandálias!»

E esteoutro, por exemplo, de «A Cigarra de Theocrito»:

## ROSEIRAS ESQUECIDAS

No plintho duma estatua entrelaçadas  
Vivem duas roseiras. Mas quem passa  
De tal jeito olha a estatua em plena graça  
Que não dá pelas rosas perfumadas.

Esquecidas, procuram a maneira  
De mostrar suas rosas de valia:  
Para ser vista a modo, uma roseira  
Sobe aos peitos da estatua em pleno dia.

E logo um botão rubro sem rodeios  
(Moças, como as roseiras sam vaidosas!)  
Põe a sangrar em cada um dos seios!

Vae a outra roseira mais travessa  
Florir-lhe a fresca bocca e na cabeça  
Compõe-lhe uma coroa de alvas rosas!

Sem tentarmos o impossivel de prosseguir, estamos convencidos que justiça completa hade ser feita ao «requintado Esteta dos *Rythmos da Hellada e Paços do Encantamento*», como escreveu algures Horácio de Castro Guimarães, porque Narciso de Azevedo enfileira junto dos que possuem uma obra cheia de beleza — a beleza que têm na Primavera algures cobertas de formosissimas e fragrantas rosas.

A. S.

## A CRISE VINICOLA

## Os direitos sobre as bebidas em Angola

Do semanário de Mossâmêdes, *Noticias da Huila*, transcrevemos a seguinte noticia:

Onde digo digo, digo que não digo. E' o caso. O decreto 19.773 não falava em que as bebidas alcoólicas pagariam os direitos por grau. Só mais tarde, por telegrama, o sr. ministro esclareceu que eram taxadas por grau e litro. (Isto, sem dúvida, para evitar que as bebidas viessem a produzir *tachadas*).

Em virtude desta aclaração ministerial, um litro de aguardente nacional com 40 graus paga de direitos 120 angolares e um litro de whisky com 45 graus pagará a bagatela de 673,00.

Como os vícios podem imenso sobre a fraca humanidade, criar-se-há, em prejuizo das receitas alfandegárias, a industria do contrabando das bebidas alcoólicas. que se fará, sem riscos e com lucros certos, pela nossa vastissima e desguarnecidissima fronteira terrestre.

E no fim, tudo continuará correndo como dantes, excepto a receita das alfandegas.

No momento em que os vicultores atravessam uma crise extraordinária, que pode ter funestissimas consequências para toda a economia nacional; na ocasião em que, de Norte a Sul do País, todos pedem ao governo para adoptar medidas urgentes, capazes de evitar a ruina da nossa principal fonte de actividade agricola; na ocasião em que os Sindicatos, reunidos em Lisboa, alvitram e pedem, como garantia unica de saída para o vinho, que ainda atulha os toneis, que ao menos as nossas colónias, cuja manutenção tanto dinheiro nos tem custado, nos auxiliem, baixando as taxas proibitivas que att incidem sobre o vinho e bebidas alcoólicas nacionais, não faz sentido que sobre elas se elevem os direitos, a ponto de um litro de aguardente nacional pagar de direitos cento e vinte escudos, cento e vinte mil reis, ou cento e vinte angolares, que na prática tudo é o mesmo!

Lê-se e não se acredita. Chega-se a ter a impressão de um erro, de uma blague jornalística, de uma atoarda para revoltar o gentio. Mas não. O jornal tem em cima um dístico, que dá, á noticia, a confirmação official: foi visado pela comissão de censura!

E como, por via de regra, neste desgraçado País, se confirmam sempre as novas más, deve ser verdadeira.

Entre as medidas propostas, em Inglaterra, para revalorizar a libra, figura também a idéa de considerar o vinho objecto de luxo, e, como tal, elevar para uma taxa proibitiva, os direitos de importação naquêle País, que é o nosso principal mercado de vinho do Porto.

Por muito elevados, porém, que sejam os direitos que a Inglaterra venha a exigir de nós (e já se fala em 100% sobre as taxas actuais), não chegarão por certo á décima parte dos impostos alfandegários com que nós próprios nos sobrecarregamos, só pela transferência de uma mercadoria de um pedaço de terra lusa, para outro pedaço da terra portuguesa.

E' assim que se unem os laços económicos que devem prender, nos mesmos interesses, todos os habitantes de Portugal, que o Portugal europeu, que de dessa maior quantidade a que pomposa-

mente se chama Império Colonial?

Com que argumentos defenderemos amanhã a nossa posição perante a França, que nos fecha as fronteiras, perante Londres, perante qualquer governo que nos declare guerra de morte, essa guerra tarifária que é a guerra pela fome, se nós lhes damos inteira razão com o nosso procedimento, na nossa própria casa?

De há muito se toca a ária choradilha da protecção do preto, para justificar todas as medidas tendentes a evitar a saída dos nossos vinhos para Africa. Dizem que nos obrigamos a isso por compromissos internacionais, a que não podemos faltar. Não somos, evidentemente, contrários a todas as medidas que visem combater o alcoolismo, que entre os pretos, quer entre os brancos. Mas o alcoolismo combate-se precisamente com o vinho, como os incêndios das florestas, ás vezes, se combatem com o próprio fogo, habilmente lançado.

Contra a cachaça, que queima e aniquila a raça preta, que esta habite nas nossas colónias, que nas colónias francesas, inglesas, belgas ou de qualquer outro país, só há um remédio — o bom vinho.

O preto, como o branco, necessitam de alcool em quantidade moderada; e quando o não teem sob a fórmula agradável dum vinho refrigerante e estimulante contra a lassidão própria dos músculos que vivem nos trópicos, fabricam-no de qualquer sumo açucarado, fabricam-no da banana, do milho, do inhame, da cana de açúcar, de qualquer coisa que ofereça alimento aos sacaromicetas, fermentos universais, que tanto vivem no Douro como nas terras de Gaza.

Veja-se o que se passa na América com a lei séca. Se admitirmos a tese dos abstencionistas, devemos crer que mais de metade dos americanos (todos aqueles que combatem esta lei, que foi o primeiro empurrão que o mundo sofreu para a actual crise), mais de metade desse povo, que se presa de ser o mais equilibrado do mundo, tem as mesmas exigências dos selvagens, fabricando a sua cachaça da própria cellulose da madeira, sacrificada por meios químicos.

Não devemos, por isso, ter medo ao papão estrangeiro. Os outros povos teem muito com que se entreter, e não teem tempo para vêr se nós trocamos ao preto a cachaça por vinho; e se virem, será por certo para nos louvarem.

Não será melhor isso do que abrir em Angola fábricas de cerveja?

(Da «Gazeta das Aldeias».)

Joaquim Pratas.

## «Alma Popular»

O nosso jornal dá entrada hoje, 13, na estação telégrafo-postal desta vila, devendo por isso ser entregue aos nossos assinantes no sábado, dia 14.

Cartões de visita — Imprimem-se, com perfeição e rapidês, na TIP. POPULAR, desde 5\$000 o cento.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.ª página.



